

HORTO MEDICINAL FREI VELOSO: 25 ANOS DE CRIAÇÃO

FREI VELOSO MEDICINAL GARDEN: THE 25TH ANNIVERSARY

José Lucas Magalhães Aleixo¹

José Divino Lopes Filho²

Resumo

O artigo celebra os 25 anos do Horto Medicinal Frei Veloso, localizado no Campus da Saúde da Universidade Federal de Minas Gerais, como espaço de promoção à saúde. Na primeira parte, faz breve histórico dos jardins ou hortos botânicos que acompanham a civilização humana desde as eras mais antigas no Oriente, sua evolução ao longo dos tempos na Europa e, por fim, chegando ao Brasil. Na segunda parte, trata dos jardins e dos espaços análogos presentes em Belo Horizonte e na Universidade Federal de Minas Gerais, ressaltando a ligação entre os jardins botânicos e o ensino das ciências da saúde.

Palavras chave: Jardins botânicos; Horto Medicinal Frei Veloso; Plantas medicinais; Promoção à saúde.

Abstract

This article celebrates the 25th anniversary of Frei Veloso Medicinal Garden, located on the Health campus of the Federal University of Minas Gerais, as a space to promote health. The first part of this paper draws a brief history of the or of the botanical gardens that have accompanied human civilization from the earliest ages in the East, its evolution over time in Europe, and finally in Brazil. The second part deals with the gardens and similar spaces present in Belo Horizonte city and in the Federal University of Minas Gerais area, emphasizing the relation between the botanical gardens and the teaching of health sciences.

Keywords: Botanical gardens; Frei Veloso Medicinal Garden; Medicinal plants; Health Promotion.

¹ Centro de Memória da Medicina de Minas Gerais da Faculdade de Medicina da UFMG – CEMEMOR / Fundação Ezequiel Dias – FUNED
jlmaleixo@terra.com.br

² Departamento de Nutrição da Escola de Enfermagem da UFMG

1 Uma breve introdução à história dos jardins ou hortos botânicos

Desde os primórdios da civilização humana, o uso das plantas acompanha e sustenta a humanidade, contemplando a mais diversa utilização, como em alimentação, aromatização (culinária e perfumaria), proteção individual e coletiva (cercas, armas, escudos), habitacional e doméstico (construção e combustível), transporte

(canoas, macas, carroças), escrita (tinta, papel), industrial e tecnológico (armas, ferramentas, utensílios, carpintaria, colmeias, barris, veículos, curtumes, tecidos, tinturaria) paisagístico, lúdico (brinquedos, artefatos esportivos), religioso/ritualística (altares, esculturas, aromatizantes) e uso medicinal.

As plantas eram coletadas *in natura* nos campos, sendo domesticadas progressivamente para o cultivo na agricultura de subsistência e subsequentemente em escala maior (MAZOYER, 2008). No decorrer desse processo de domesticação e apropriação das plantas, determinadas áreas foram circunscritas e reservadas para aclimação, estudo, pesquisa e propagação daquelas espécies consideradas de interesse econômico como as plantas alimentares, medicinais e para obtenção de madeira.

Mesmo considerando aspectos como paisagismo e lazer, a valoração econômica das plantas alimentares e medicinais teria sido o principal motivo para a criação dos primeiros jardins ou dos hortos botânicos, conforme ocorreu na China do Imperador Shen Nung (c 2838 a.C.), autor do compilado mais antigo sobre *fitoterapia*, o *Shen-Nung Pen Ts' Ao Ching*, e no Egito, com o *Jardim Real de Tutmés III* (c 1000 a.C.) anexo ao *Templo de Karnak* (JACQ, 1999; ELDIN, 2001; MARUEJOL, 2007; BRASIL, 2008).

No mundo ocidental, o conceito de jardim botânico evoluiu a partir da sempre presente motivação econômica, incorporando paulatinamente aspectos relacionados à integração social (convivência e lazer), ao paisagismo (paisagístico), ao estudo/pesquisa/ensino (científico), à conservação de coleções vivas, herbários e sementes (acervo botânico regional e/ou nacional e/ou internacional), ao histórico (memória da relação de interdependência civilização/plantas) e recentemente ao enfoque ecológico (preservação ambiental).

Alguns desses aspectos já estavam presentes na Grécia antiga, onde Aristóteles (384-322 a.C.) fundou, em 336 a.C., a escola conhecida como *Lykeion*, o Liceu de Atenas. Seu discípulo e sucessor Teofrasto (372-288 a.C.), considerado o pai da Botânica, constituiu junto ao Liceu o primeiro jardim botânico ocidental, usando-o como suporte ao ensino de biologia e medicina, mostrando a ligação entre os jardins botânicos e o ensino das embrionárias ciências da saúde no mundo ocidental de então (UPHOF, 1941; BYE, 1994; ROCHA, 1999).

Na Europa ocidental, o primeiro jardim botânico foi fundado no século XVI, em 1543, na Itália, pelo médico e botânico Luca Ghini (1490-1556), o *Real Orto Botanico della Real Università di Pisa*, com o intuito de proporcionar o estudo das propriedades terapêuticas das plantas, ressaltando a ligação entre os jardins botânicos e o ensino das ciências da saúde. O Horto de Pisa foi o primeiro a usar estufas de vidro para cultivar plantas exóticas e a estabelecer um herbário para estudo taxonômico, objetivando classificar sistematizadamente as plantas (GARBARO, 1992; BYE, 1994).

Modernamente, jardim botânico é definido como “área protegida, constituída no seu todo ou em parte por coleções de plantas vivas cientificamente reconhecidas, organizadas, documentadas e identificadas, com a finalidade de estudo, pesquisa e documentação do patrimônio florístico do país, acessível ao público, no todo ou em parte, servindo à educação, à cultura, ao lazer e à conservação do meio ambiente” (RBJB, 2013).

Esse conceito de jardim botânico como “área protegida destinada para estudo e pesquisa de plantas vivas” já era intuído, no passado, e teve um momento singular a partir da chamada “Era ou época das Grandes Navegações ou Descobrimientos”, ocorrida entre os séculos XV e início do séc. XVII, quando os europeus exploraram o mundo em busca de rotas de comércio, o qual incluía diversos produtos, entre os quais os de origem vegetal como especiarias (alimentos), plantas medicinais e madeira para construção civil e naval (ALBUQUERQUE, 1987; DREYER-EIMBCKE, 1992; BENNASSAR, 1998).

Muitas dessas viagens de exploração à Ásia e ao Novo Mundo (Américas) foram financiadas por companhias comerciais e também por sociedades científicas. A biodiversidade encontrada pelos exploradores europeus no Oriente e nos trópicos ocasionou substancial incremento aos acervos das coleções botânicas existentes, pressionando, em última instância, a

disponibilização de mais e maiores sítios apropriados para aclimação e propagação das espécies encontradas.

Tudo isso gerou uma demanda estratégica para os jardins botânicos em termos de aclimação de plantas exóticas, com o intuito de acumular conhecimento botânico e de cultivo em escala dessas espécies vegetais, o que, em última análise, representaria efetivo poder em forma de monopólio econômico e de conhecimento.

Assim sendo, cerca de 16 jardins

botânicos foram criados nos séculos XVI e XIX. Itália, França, Holanda, Alemanha, Dinamarca, Inglaterra, Suécia e posteriormente Portugal trataram de implantar ou implementar jardins ou hortos botânicos nos próprios países, conforme apresentado no QUADRO 1.

Em Portugal, o jardim mais antigo é o Jardim Botânico da Ajuda, datado de 1768, seguido do Jardim Botânico da Universidade de Coimbra de 1772 (SANJAD, 2005).

Quadro 1: Implantação de jardins botânicos na Europa – séculos XVI a XIX

1500	1550	→	1600	→	1650	→	1700	→	1840
1543: Real Orto Botânico della Real Università di Pisa	1568: Jardim Botânico de Bolonha		1600: Hortus Medicus de Copenhagen		1655: Jardim de Lineu de Uppsala (Suécia)		1736: Jardim Botânico da Univ. de Gotingen (Alemanha)		
1545: Jardim Botânico de Pádua e Jardim dos Simples de Florença	1580: Jardim Botânico de Leipzig		1621: Jardim Botânico de Oxford		1673: Chelsea Physic Garden (Inglaterra)		1768: Jardim Botânico da Ajuda (Lisboa)		
	1590: Hortus Academicus da Univ. de Leiden (Holanda)		1626/1635: Jardin Royal des Plantes Médicinales (Paris)				1772: Jardim Botânico de Coimbra		
	1593: Hortus Medicus da Univ. de Heidelberg						1840: Jardins de Kew (Jardim Botânico Nacional da Inglaterra)		
	1593: Jardin des Plantes de Montpellier								

Fonte: ALEIXO J. L. M., 2013. Baseado em: HILL, 1915; UPHOF, 1941; TOMASI, 1991; GARBARI, 1992; BYE, 1994; SANJAD, 2005; FELIPPE & ZAIDAN, 2008; Wikipedia, 2013 (http://pt.wikipedia.org/wiki/Hist%C3%B3ria_dos_jardins_bot%C3%A2nicos). Acesso em: 04/jun/2013).

Os jardins ou hortos botânicos no Brasil

A América pré-colombiana também comportou jardins ou hortos botânicos, uma vez que suas principais civilizações originais representadas pelos astecas, maias e incas já dominavam bem a agricultura como base de sua economia. Assim sendo, junto aos núcleos urbanos nativos que polarizavam as áreas rurais de produção, foram encontrados sítios similares a jardins botânicos, alguns de causar admiração nos exploradores espanhóis como o *Jardim de Huaxtepec*, criado por Montezuma I, em meados do século XV, a sudeste da então cidade de *Tenochtitlan*,

hoje parte da Cidade do México (BARTALINI, 2005; IRIARTE, 2012).

No Brasil, no século XVII, foi em Pernambuco que João Maurício de Nassau-Siegen (1604-1679), criou, entre os anos de 1639-1645, o primeiro jardim zoo-botânico junto ao Palácio de Friburgo ou das Torres (FIG. 1), construído como parte da cidade planejada de Mauricéia (*Mauritsstad*), instalada na ilha de Antônio Vaz, às margens do Rio Capiberibe, atual bairro de Santo Antônio, próximo onde hoje está situado o Palácio do Campo das Princesas, em Recife.

Sua construção, com pomares e hortas, plantas medicinais e aromáticas, objetivava fornecer alimentos e remédios, mas

também procurava dificultar a visualização da cidade por parte de possíveis invasores (CHAGAS, 1985; GESTEIRA, 2004).

Figura 1: Vista frontal do Palácio de Vrijburg (Friburgo), com as palmeiras do jardim de Nassau



Fonte: (crédito) <www.recife.pe.gov.br>. Acesso em: 04/junho/13

Os jardins de Plantas no Brasil

Posteriormente ao final do século XVIII, Portugal determinou a criação de vários “Jardins de Plantas”, incluindo no Brasil. O primeiro estabelecido foi em 1796, em Belém (Horto Público de São José), seguido pelos de Vila Rica (1798), Olinda (1798 a 1854), Salvador, Goiás (1799), São Paulo (1799 a 1838), onde está o atual Parque da Luz, e também Cuiabá e Sergipe. Nem todos foram implementados ou se mantiveram por muito tempo (SANJAD, 2005).

O *Horto Botânico de Villa Rica* na província das *Minas Geraes*, criado por ordem régia de 17/11/1798, foi o segundo jardim botânico do Brasil, conforme registro topográfico executado em 1799 por Manuel Ribeiro Guimarães, também autor do desenho da “*Planta da nova Cadeia de Villa Rica*”, hoje Museu da Inconfidência.

O Horto visava ao cultivo de espécies vegetais nativas e exóticas, como a amoreira, para criação de bicho-da-seda, e o chá-da-índia, além das plantas medicinais que depois serviriam para dar suporte ao ensino da Faculdade de Farmácia, fundada em 1839, ressaltando a ligação entre os jardins botânicos e o ensino das ciências da saúde. Hoje, ali está localizado (FIG. 2) o Parque Horto dos Contos de Ouro Preto (OLIVEIRA NETO, 1939; MAIA, 2009, 2012; FIOCRUZ, 2013; UFOP, 2013).

Figura 2: Parque Horto dos Contos de Ouro Preto, antigo Jardim Botânico de Villa Rica



Fonte: Prefeitura Municipal de Ouro Preto.

Jardim Botânico do Rio de Janeiro

Já no século XIX, com a chegada da família real ao Brasil, o Príncipe-Regente D. João (1767-1826) criou, no antigo “*Engenho da Lagoa*” do Rio de Janeiro, pertencente aos herdeiros de Rodrigo de Freitas Carvalho, em 13 de junho de 1809, o *Jardim Botânico da Aclimação*, denominado, em 11 de outubro do mesmo ano, de *Real Horto Botânico da Lagoa Rodrigo de Freitas* e depois, *Jardim Botânico do Rio de Janeiro* (VEIGA, 2003; BRASIL, 2008).

Dom Pedro I (1798-1834), coroado Imperador do Brasil em 1823, abriu as portas do jardim ao público e nomeou como primeiro diretor Frei Leandro do Santíssimo Sacramento (1778-1829), carmelita, membro das

academias de ciências de Munique e Londres. Ressaltando a ligação entre os jardins botânicos e o ensino das ciências da saúde, Frei Leandro foi o primeiro professor de botânica da Real Academia Médico-Cirúrgica do Rio de Janeiro (VEIGA, 2003). Em 1996, passou a Instituto de Pesquisas Jardim Botânico do Rio de Janeiro (IPJBRJ), hoje considerado como o mais importante jardim botânico do país (FIG. 3).

Figura 3 – Litografia de SISSON, Sebastien Auguste Youds, J. [Ed. s/d Acervo do Museu Imperial, Petrópolis, RJ



Disponível em: <<http://historia.jbrj.gov.br/fotos/imagens.htm>>. Acesso em: 14/junho/13

Os jardins ou hortos botânicos em Minas Gerais

Jardim do Palácio Episcopal de Mariana (Palácio dos Bispos)

Mariana origina-se do arraial do Ribeirão do Carmo, localizado à beira do ribeirão homônimo na região central de Minas Gerais, onde, em 1696, bandeirantes paulistas encontraram ouro. Em 1709, foi criada a Capitania de São Paulo e Minas de Ouro, separada da Capitania do Rio de Janeiro; em 1711, Mariana foi constituída como a primeira vila dessa região, com a denominação de Vila Nossa Senhora do Carmo, sendo logo renomeada como Vila Real de Nossa Senhora, em 1712 (TORRES, 1980).

A província de Minas Gerais foi desmembrada de São Paulo em 1720, e a Vila Real de Nossa Senhora, designada como a

capital da nova província. Em 1745, tornarse-ia a primeira cidade elevada de vila a essa categoria, sendo para tanto objeto de um plano urbanístico, tornando-a o primeiro núcleo urbano a ser projetado em Minas Gerais. Em homenagem à rainha Maria Ana de Áustria (1683-1754), recebeu o nome de Cidade Mariana (TORRES, 1980).

Com a elevação à categoria de cidade, o Papa Bento XIV (1675-1758) fez de Mariana a sede do primeiro Bispado de Minas Gerais, desmembrando-a da diocese de São Sebastião do Rio de Janeiro. Assim, em 1748, toma posse o bispo Dom Frei Manoel da Cruz (1690-1764), vindo do Maranhão, o qual, desde o início, se mostra empenhado em estabelecer um seminário para formação de clérigos e também com a instalação de uma residência episcopal e centro administrativo adequados ao novo bispado. Para isso contou com a doação de um sítio (chácaras da Olaria) doado por um fiel, Manuel Torres de Quintanilha, onde seria instalada a Casa da Residência Episcopal e depois o Palácio Episcopal dos Bispos de Mariana (KANTOR, 2004).

Junto a Chácara da Casa da Residência Episcopal de Mariana existiam pomar e horta, que junto com as obras de melhoramento e ampliação da residência foram transformados progressivamente em um jardim considerado um dos mais belos da província, inclusive tendo sido visitado em 1817 e elogiado por Auguste Saint Hilaire (1779-1853). O principal mentor desse jardim foi Frei Cipriano de São José (1743-1817), que assumiu o Bispado de Mariana no período de 1799 a 1817 (MAIA, 2009).

Figura 4: Prospecto da Chácara da Casa da Residência Episcopal



Aquarela do Padre José Joaquim Viegas Menezes, de 1809 – Acervo do Museu Arquidiocesano de Arte Sacra de Mariana, Minas Gerais

Jardim do Santuário do Caraça

O Santuário do Caraça começou a ser erigido como eremitério em 1774, pelo Irmão Lourenço de Nossa Senhora (?-1819), com o nome de *Hospício de Nossa Senhora Mãe dos Homens e São Francisco das Chagas da Serra do Caraça*, sito na “Freguezia de Catas Altas, Termo de Caethé, Comarca do Rio das Velhas” nas fraldas da Serra do Espinhaço, região central de Minas Gerais.

Logo após a morte de seu fundador, assumem a casa os padres lazaristas ou vicentinos da Congregação da Missão, enviados ainda em 1819 por Dom João VI de Portugal (1767-1826), inaugurando uma era em que o antigo eremitério se tornaria célebre como educandário, funcionando como colégio até 1912 e como Escola de Apostólicos (seminaristas) até 1968.

Entre 1876 e 1883, o então Padre Superior Jules José Clavelin (1834-1909) ergueu impressionante igreja em estilo gótico no lugar da original e pequena ermida barroca de *Nossa Senhora Mãe dos Homens e São Francisco das Chagas*, construída pelo fundador Irmão Lourenço. No pátio ou esplanada das palmeiras, logo em frente à nova igreja, e nas alas laterais do Santuário do Caraça, foi implantado um jardim que ornamentava toda a área frontal do conjunto arquitetônico.

Entretanto, o Caraça sofria com recorrentes episódios de beribéri, doença ocasionada pelo déficit de vitamina B1 (tiamina), mas na época de etiologia desconhecida, então supostamente contagiosa. Imputaram a doença à umidade da casa e à falta de exercícios físicos ou jogos para os alunos. Em 1912, o Padre Superior Antônio Umberto Van Pol (1872-1946) mandou destruir a ala esquerda do jardim, transformando-o em campo de esportes (ZICO, 1983; LOPES FILHO, 1998).

Remanescente desse sesquicentenário jardim ainda se encontra bem conservado com bonitas camélias e um pequeno chafariz na ala direita da esplanada ou do terraço das palmeiras do Santuário do Caraça (FIG. 5).

Figura 5: Jardim da ala direita da esplanada das palmeiras do Santuário do Caraça



Fonte: Província Brasileira da Congregação da Missão – PBCM www.santuariodocaraca.com.br

2 Os jardins ou hortos botânicos em Belo Horizonte

Parque Municipal Américo Renné Giannetti

Quando da construção da nova capital mineira, em fins do século XIX, na área do arraial colonial de *Curral del-Rei*, foi constituída, em 1º de março de 1894, a *Comissão Construtora da Nova Capital*, sob a coordenação do engenheiro Aarão Leal de Carvalho Reis (1853-1936), com amplos poderes para planejar a nova cidade, inclusive para fazer uso das desapropriações dos bens imóveis necessários para a implantação da nova urbe. Assim sendo, foram efetivamente desapropriados pelo poder público cerca de 430 propriedades rurais e urbanas compradas pelo Estado ou permutadas por terrenos na nova capital, deixando poucos vestígios do antigo arraial (GOMES, 2009).

Belo Horizonte, fundada em 1897, teve o Parque Municipal iniciado pouco antes, a partir de 1894. Nesse ano, a Comissão Construtora incluiu a iniciativa de transformar a *Chácara do Sapo* (FIG. 6) de propriedade do coronel Guilherme Ricardo Vaz de Mello em residência do engenheiro-chefe da Comissão Construtora e depois em área de lazer para a população, dando origem ao Parque Municipal. Este foi inaugurado oficialmente

em 26 de setembro de 1897, pouco antes da inauguração da nova capital, que ocorreu em 12 de dezembro daquele mesmo ano, denominada então *Cidade de Minas*.

Hoje, intitulado Parque Municipal Américo Renné Giannetti (FIG. 7), tem área de 182 mil m², de extensa vegetação, em pleno centro da cidade contando com diversas nascentes que abastecem três lagoas e cerca de 280 espécies de árvores exóticas e nativas, como figueiras, jaqueiras, cipreste calvo, flamboyant, eucalipto, sapucaia, pau-mulato e pau rei, além de um espaço destinado a plantas medicinais (PBH, 2013; UFMG, 2013a).

Figura 6: Chácara do Sapo, origem do Parque Municipal de Belo Horizonte



Fonte: Prefeitura Municipal de Belo Horizonte.

Figura 7: Parque Municipal de Belo Horizonte em 1938



Fonte: Prefeitura Municipal de Belo Horizonte.

Jardim Botânico da Fundação Zoobotânica de Belo Horizonte

Numa área originalmente projetada para sediar o Golf Club da Pampulha (FIG. 8), com projeto arquitetônico de Oscar

Niemeyer de 1943, o Jardim Zoológico de Belo Horizonte foi instalado em 1959 (MACEDO, 2002; PBH, 2013).

Figura 8: Sede do Golf Club da Pampulha (atual Fundação Zoobotânica) – Projeto arquitetônico de Oscar Niemeyer de 1943



Fonte: PBH.

O Jardim Zoológico, hoje com área total de 1.440.000m², conta com cerca de 3.367 animais de mais de 270 espécies, entre répteis, aves, anfíbios e mamíferos, representantes dos cinco continentes. Em 1991, passou a ser administrado pela Fundação Zoobotânica de Belo Horizonte, quando então foi reservada uma área de 10 hectares para a criação do Jardim Botânico (PBH, 2013, UFMGa, 2013).

Atualmente, o Jardim Botânico da Fundação Zoobotânica de Belo Horizonte disponibiliza uma área de visitação composta por estufas temáticas, jardins temáticos, praças, lagos, fonte e anfiteatro, incluído também espaço para plantas medicinais (PBH, 2013, UFMGa, 2013).

Parque das Mangabeiras

Localizado ao pé da Serra do Curral (tombada como patrimônio do município desde 1991) zona sul da cidade, e limite norte do quadrilátero ferrífero, a uma altitude de 1.000 a 1.300 metros, o Parque das Mangabeiras, projetado pelo paisagista Roberto Burle Marx (1909-1994), conserva, em sua área de 2,8 milhões de metros quadrados, 59 nascentes do Córrego da Serra, que integra a Bacia do Rio São Francisco.

Constituiu-se hoje na maior área verde da capital mineira e um dos maiores parques urbanos da América Latina, depois do ameaçado Parque do Cocó, em Fortaleza, Ceará.

A flora do parque apresenta vegetação nativa de transição, composta de exemplares típicos de campo rupestre, como bromélias e canelas-de-ema; de Cerrado, como barbatimão e pequi; vestígios da Mata Atlântica, como o jequitibá e o pau-d'óleo, além de outras espécies, como jacarandá, sucupira do cerrado, pau-de-tucano, aroeira, corticeira, pau-ferro, candeia, caviúna, pau-santo e gabiroba (PBH, 2013).

A fauna é composta de 29 espécies de mamíferos, como esquilos, gambás, tapitis (coelho brasileiro), micos, tatus, quatis; 160 espécies de aves: andorinhas, bico de veludo, cambacicas, marias-pretas, sanhaços, caras sujas, azulões, pica-paus, entre outras, além de 20 espécies de répteis e 19 anfíbios, como a rã *Hylodes uai*, que tem em seu nome uma homenagem a Minas Gerais, através da expressão “uai”, típica dos mineiros (PBH, 2013).

A área onde hoje se localiza o Parque das Mangabeiras fazia parte da Fazenda do Capão, de propriedade do fazendeiro do Curral Del Rey, Ilídio Ferreira da Luz, cujas terras iam desde o Bairro da Serra, passando pelos bairros atuais das Mangabeiras e do Belvedere, chegando até aos bairros Santa Lúcia e São Bento. No final do século XIX, quando da construção da cidade pela equipe do engenheiro-chefe *Aarão Leal de Carvalho Reis* (1853-1936), parte da Fazenda do Capão, compreendendo Serra e Mangabeiras, foi desapropriada no ano de 1894, passando ao poder público.

Em 1941, instalou-se no local a primeira estação de tratamento de água de Belo Horizonte, no curso do *Córrego da Serra*, o primeiro manancial de água que serviu à capital mineira, abastecendo o bairro Serra. Essa estação, conhecida como “Caixa de Areia”, consistia em uma unidade de tratamento de água do tipo denominado desarenador, onde areia e terra são removidas. No início da década de 60, a área

foi cedida à empresa Ferro Belo Horizonte S/A, Ferrobela, para a exploração de minério de ferro, até 1996, que devastou parte da vegetação nativa.

Em 14 de outubro de 1966, foi criado o Parque das Mangabeiras, com a finalidade de preservar a Serra do Curral, a reserva florestal existente e criar outra área de recreação para a cidade. Em 1982, no dia 13 de maio, o Parque das Mangabeiras foi inaugurado e entregue à visitação (PBH, 2013).

O Parque das Mangabeiras (FIG. 9) é um local definido como de preservação e pesquisa ambiental aberto ao público, mas, contrariando sua destinação definida por lei, o local é palco frequente de ruidosos espetáculos de música popular, que afugentam as espécies que deveriam ser tuteladas, além de não contar com estrutura para suportar a realização desse tipo de evento (UFMGa, 2013).

Figura 9: Parque das Mangabeiras



Fonte: Prefeitura Municipal de Belo Horizonte.

Museu de História Natural e Jardim Botânico da Universidade Federal de Minas Gerais

O Museu de História Natural e Jardim Botânico da Universidade Federal de Minas Gerais localizam-se no Bairro do Horto Florestal, região leste de Belo Horizonte, onde antes funcionava a Fazenda Boa Vista, propriedade da família Guimarães. Desapropriada no início do século XX, a fazenda foi adquirida pelo Governo do Estado e recebeu o nome de Horto Florestal, depois Estação Experimental da Agricultura, em 1912, e Instituto Agrônomo, em 1953.

O Instituto foi desmembrado ao fim da década de 1960, e uma área de 439.000 m² foi destinada sob regime de comodato à UFMG, que ali instalou, em 1969, o Museu de História Natural. Em 1973, também em regime de comodato, a Prefeitura de Belo Horizonte cedeu uma área contígua de mata nativa de 150.000 m² para a instalação de um jardim botânico.

A área verde do Instituto Agronômico compunha-se de duas reservas – uma natural e outra artificial. A primeira era constituída de inúmeros exemplares vegetais – entre outros, jacarandás e copaíbas remanescentes da antiga Fazenda Boa Vista.

Já a reserva artificial vinha sendo cultivada, desde a década de 1950, por um grupo liderado por Camilo de Assis Fonseca Filho (1911-2006), engenheiro agrônomo. Assim, mais de 50 mil árvores nativas e exóticas foram plantadas na antiga área de pastagem dessa fazenda. Com o passar dos anos, as duas reservas misturaram-se, e, hoje são bem integradas. Atualmente, o Museu de História Natural e o Jardim Botânico da Universidade Federal de Minas Gerais (FIG. 10) contam com área de 600 000 m² (UFMGb, 2013).

Figura 10: Museu de História Natural e Jardim Botânico da Universidade Federal de Minas Gerais



Fonte: UFMG.

Parques ou jardins botânicos filiados à Rede Brasileira de Jardins Botânicos – RBJB

Em 2013, Minas Gerais contava com os seguintes parques ou jardins botânicos filiados à Rede Brasileira de Jardins Botânicos – RBJB.

- Parque Horto dos Contos de Ouro Preto (antigo Horto Botânico de Vila Rica)
- Parque Municipal de Belo Horizonte
- Parque das Mangabeiras
- Museu de História Natural e Jardim Botânico da UFMG, filiados à RBJB desde 1968
- Jardim Botânico da Fundação Zoológica de Belo Horizonte, filiado à RBJB desde 1991
- Fundação Jardim Botânico de Poços de Caldas, filiado à RBJB desde 2003, contando com 22 ha na cidade sul-mineira de Poços de Caldas
- Jardim Botânico de Inhotim, filiado à RBJB desde 2010, em Brumadinho, Região Metropolitana de Belo Horizonte, com área de 97 ha

Este último jardim botânico faz parte do Instituto Inhotim, que abriga também um acervo de arte contemporânea com mais de 500 obras de artistas de renome nacional e internacional, como Adriana Varejão, Helio Oiticica, Cildo Meireles, Chris Burden, Matthew Barney, Doug Aitken, Janet Cardiff, e outros artistas com exibição temporária.

Segundo o sítio eletrônico do Instituto Inhotim, o acervo botânico do jardim abriga mais de 4.700 acessos, representando 181 famílias botânicas, 953 gêneros e pouco mais de 4.200 espécies de plantas vasculares. Tamaña diversidade faz do Inhotim o jardim com a maior coleção em número de espécies de plantas vivas entre os jardins botânicos brasileiros. Ainda, segundo o sítio institucional, o Inhotim possui a maior coleção mundial de palmeiras, com cerca de 1.400 espécies/híbridos/variedades e um total de mais de 20.000 indivíduos (entre plântulas e indivíduos adultos). A coleção de *Araceae*, família que inclui de imbés a antúrios e copos-de-leite, é a maior da América Latina, com cerca de 450 espécies. As orquídeas estão representadas por 334 espécies (INHOTIM, 2013).

O Horto Medicinal Frei Veloso

O Horto Medicinal Frei Veloso – HMFV – foi criado na década de 1980, na Faculdade

de Medicina da UFMG, com a finalidade de disponibilizar aos alunos do curso de graduação um espaço para a realização de aulas práticas da disciplina sobre Homeopatia e Plantas Medicinais.

Foi idealizado, em 1988, pelo professor João Amílcar Salgado e inspirado na obra do decano da ecologia mineira, o engenheiro agrônomo Dr. Camilo Assis Fonseca Filho (1911-2006), líder dos criadores do Museu História Natural e Jardim Botânico da UFMG, na década de 1950. Foi inaugurado oficialmente em 21/4/89 pelo reitor professor Cid Veloso e diretor da Faculdade de Medicina da UFMG professor Philadelpho Siqueira.

Encontra-se localizado no pátio interno e posterior da Biblioteca Baeta Viana, no campus Saúde. O nome dado ao horto (Frei Veloso) e a data da inauguração (Bicentenário da Independência) homenageia Tiradentes (1746-1792), o Mártir da independência, e seu primo José Veloso Xavier (1741-1811), que se tornaria o franciscano Frei José Mariano da Conceição Veloso, um dos maiores botânicos do mundo de seu tempo, e com o qual Tiradentes aprendeu o uso de plantas medicinais importantes na sua prática de odontologia e medicina no século XVIII (SALGADO, 2013).

Com o decorrer do tempo, os investimentos reduzidos obrigaram o cancelamento das disciplinas, sendo o Horto Medicinal desativado ao final dos anos 90. Até 2009, encontrava-se sem maiores cuidados botânicos e sem nenhuma atividade acadêmica regular em suas dependências.

Depois desse período, abandonado, o Horto Medicinal Frei Veloso passou por um processo de revitalização em 2009, sob a coordenação do professor do Departamento de Nutrição José Divino Lopes Filho (Escola de Enfermagem da UFMG), do Prof. Ájax Pinto Ferreira (Centro de Memória da Faculdade de Medicina – Cememor da UFMG) e do Dr. José Lucas Magalhães Aleixo (Fundação Ezequiel Dias – Funed/Cememor da UFMG).

Nesse sentido, recursos financeiros foram captados na FAPEMIG, os quais

permitiram a revitalização do HMFV (infraestrutura, paisagismo e acervo botânico), tendo como contrapartida institucional o desenvolvimento de projetos de popularização da ciência entre alunos de ensino fundamental e médio da rede pública, com enfoque na promoção da saúde. Para tanto, foi elaborado material didático apropriado ao público-alvo e organizadas visitas guiadas para os alunos desde 2009 até 2013.

O material didático e as visitas guiadas seguem uma linha voltada à promoção da saúde, enfocando qualidade de vida, alimentação saudável, autocuidado, práticas de saúde integrativas e complementares, plantas medicinais e fitoterapia no Sistema Único de Saúde, além de meio ambiente, biomas brasileiros, preservação e sustentabilidade (BRASILa, 2006; BRASILb, 2006; BRASILc 2006c BRASIL 2009).

Os canteiros (estações) do HMFV (FIG. 11) foram organizados didaticamente para ilustrar e acentuar os temas enumerados anteriormente, comportando, hoje, cerca de 110 espécies vegetais, a maioria medicinal e alimentar não convencional.

No decorrer de 2013, o HMFV foi utilizado para as aulas práticas do “Curso de Agricultura Urbana: cultivo de plantas alimentares e medicinais em espaços alternativos”, disponibilizado pelo Departamento de Nutrição da Escola de Enfermagem da UFMG. Concomitantemente, vem sendo preparado um canteiro de plantas ornamentais com efeitos de toxidez, objetivando subsidiar as aulas práticas de toxicologia para graduandos da área da saúde.

Figura 11: HMFV – Estação dos aromas



No encerramento das atividades comemorativas do centenário da Faculdade de Medicina da UFMG, o Centro de Memória da Medicina de Minas Gerais (ao qual o HMFV é ligado administrativamente), entregou para a comunidade acadêmica do Campus da Saúde as dependências revitalizadas do Horto Medicinal Frei Veloso e, desde então, vem disponibilizando esse local, esperando poder constituir-se cada vez mais num espaço de ensino, pesquisa e extensão nas áreas de plantas medicinais, alimentares e de promoção da saúde e meio ambiente. ■

Referências

- ALBUQUERQUE, L. **As navegações e a sua projeção na Ciência e na Cultura**. Edição/reimpressão: 1987. Páginas: 180. Editor: Gradiva Publicações.
- BARTALINI, W. Paisagismo asteca. **Arquitextos**, 063.0, ano 6, set. 2005. Disponível em: <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/06.063/433>>. Acesso em: 10/abril/13
- BENNASSAR, B. Dos mundos fechados à abertura do mundo. In: NOVAES, Adauto (Org.). **A descoberta do homem e do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- BYE, R. 1994. Historia de los jardines botánicos: evolución de estilos, ideas y funciones. **Revista Chapingo** (Serie Horticultura), v.2, p. 43-53, 1994.
- BRASILa. Ministério da Saúde. **Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares no SUS: Amplitude de ampliação de acesso**. Brasília: Ministério da Saúde, 2006.
- BRASILb. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. **Política Nacional de Promoção da Saúde**. 3. ed. Brasília: Ministério da Saúde. Série B. Textos Básicos de Saúde; Série Pactos pela Saúde 2006, v. 7.
- BRASILc. Ministério da Saúde. Secretaria de Ciência, Tecnologia e Insumos Estratégicos. Departamento de Assistência Farmacêutica e Insumos Estratégicos. **Política Nacional de Plantas Mediciniais e Fitoterápicos**. Brasília: Ministério da Saúde. Série C. Projetos, Programas e Relatórios, 1ª ed., 2006. 136 p.: il.
- BRASIL. Ministério do Meio Ambiente. **Jardim Botânico do Rio de Janeiro: 1808-2008** / [Organizado por] Instituto de Pesquisas Jardim Botânico do Rio de Janeiro. – Rio de Janeiro, 2008. 250 p.: il.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Ciência, Tecnologia e Insumos Estratégicos. Departamento de Assistência Farmacêutica e Insumos Estratégicos. **Programa Nacional de Plantas Mediciniais e Fitoterápicos**. Brasília: Ministério da Saúde. Série B. Textos Básicos de Saúde, 1ª ed., 2009. 60 p
- CHAGAS, Mario de Souza. Um novo (velho) conceito de museu. **Cadernos de Estudos Sociais**, v. 1, n. 2, p.183-192, 1985.
- DREYER-EIMBCKE, O. **O descobrimento da Terra: História e histórias da aventura cartográfica**. São Paulo: Melhoramentos; Editora da Universidade de São Paulo, 1992.
- ELDIN, S.; DUNFORD, A. **Fitoterapia na atenção primária à saúde**. São Paulo: Manole, 2001.
- FELIPPE, Gil & ZAIDAN, Lilian Penteado. **Do Éden ao Éden: Jardins botânicos e a aventura das plantas**. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2008. 318 p.
- FIOCRUZ. **Dicionário Histórico-Biográfico das Ciências da Saúde no Brasil (1832-1930)**. Casa de Oswaldo Cruz / Fiocruz, 2013. Disponível em: <<http://www.dichistoriasaude.coc.fiocruz.br>>. Acesso em: 03/julho/13
- GARBARI F. L' **Orto Botanico dell' Università di Pisa**. In: RAIMONDO, F. M. (Ed.). Orti Botanici, Giardini Alpini, Arboreti italiani, p.225-237. Edizioni Grifo, Palermo, 1992.
- GESTEIRA, H. M. O Recife holandês: História natural e colonização neerlandesa (1624-1654). **Revista da SBHC**, v.2, n.1, p. 6-21, 2004.
- GOMES, M. C. A. Mapeamento Cadastral do Curral del-Rei: Arqueologia de um assentamento urbano de origem colonial. **Anais. III Simpósio Luso-brasileiro de Cartografia Histórica**, Ouro Preto, 2009.
- HILL, A. W. The History and functions of botanical gardens. **Annals of the Missouri Botanical Garden**, v.2, p. 185-240, 1915.
- INHOTIM. **Jardim Botânico**. Disponível em: <<http://www.inhotim.org.br/inhotim/jardim-botanico/jardim-botanico>>. Acesso em: 08/nov. 2013.
- IRIARTE J., DICKAU, R. As culturas do milho. Arqueobotânica de las sociedades hidráulicas das terras baixas sul-americanas. **Amazônica**, v. 4, p.30-58, 2012.
- JACQ, C. **O Egípto dos Grandes Faraós**. Porto: ASA, 1999.
- KANTOR, I. Ritualidade pública no processo de implantação do bispado de Mariana (MG

- 1745-1748). **Projeto História (PUCSP)**, v. 24, p.229-242, 2004.
- LOPES FILHO, J. D. A história social de uma doença: O beribéri no Caraça. 1998. **Tese** – Faculdade de Saúde Pública, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998.
- MACEDO D. M. As obras de Oscar Niemeyer em Belo Horizonte. MDC. **Revista de Arquitetura e Urbanismo**, 2002. Disponível em: <<http://mdc.arq.br/2006/02/28/as-obras-de-oscar-niemeyer-em-belo-horizonte/>>. Acesso em: 10/julho/2013
- MAIA, M. R. C. Uma quinta portuguesa no interior do Brasil ou A saga do ilustrado dom frei Cipriano e o jardim do antigo palácio episcopal no final do século XVII. **Hist. cienc. saude-Manguinhos**, v., 16, n. 4, out.-dez., p.881-902, 2009.
- MAIA, M. R. C. **O criador e a criatura: O naturalista Joaquim Veloso de Miranda e o Horto Botânico de Vila Rica**. In: Vale dos Contos Parque. Revista do Educador. MEC e Vale. Ouro Preto, 2012.
- MARUÉJOL, F. **Thoutmosis III et la corégence avec Hatchepsout**. Paris: Pygmalion, 2007, 479 p.
- MAZOYER, M. & ROUDART. L. **História das agriculturas no mundo: Do neolítico à crise contemporânea**. São Paulo: Editora UNESP, 2008.
- OLIVEIRA NETO, L. C. Do Rio de Janeiro a Vila Rica. **Revista do IPHAN**, n. 3, ano 1939, (1), p.283-294, 1939. Disponível em: <<http://www.docvirt.com/WI/hotpages/hotpage.aspx?bib=ReviPHAN&pagfis=6657&pesq=&url>>. Acesso em: 05/nov/2013
- PBH – **Portal Prefeitura de Belo Horizonte**. Disponível em: <<http://portalpbh.pbh.gov.br/pbh/ecp/comunidade.do?evento=portlet&pIdPlc=ecpTaxonomiaMenuPortal&app=fundacaoparque&tax=; acesso set/2013>>. Acesso em: 20/set/13
- RBJB – Rede Brasileira de Jardins Botânicos. **Documento Colaborativo Oficial para Criação e Implantação de Jardins Botânicos**, 2013. Disponível em: <http://www.rbjb.org.br/sites/default/files/users/u38/docs/rbjb_0-passos_para_criacao_jb.pdf>. Acesso em: 10/abril/13
- ROCHA, Y. T. Dos antigos ao atual Jardim Botânico de São Paulo. 1999. p. **Dissertação** (Mestrado), Universidade de São Paulo, São Paulo, 1999.
- SALGADO, J. A. **Ensino da Medicina no Brasil e em Minas Gerais**. BH: Edição do Autor, 2013.
- SANJAD, N. Portugal e os intercâmbios vegetais no mundo ultramarino: as origens da rede luso-brasileira de jardins botânicos, 1750- 1800. In: ALVES, J. J. A. (Org.). **Múltiplas faces da história das ciências na Amazônia**. Belém: Edufpa, p.77-101. 2005.
- TOMASI, L. T. Botanical gardens of the sixteenth and seventeenth centuries. In: **The history of garden design: The western tradition from the Renaissance to the present day** (M. Mosser & G. Teyssot, eds.). Thams and Hudson, London, p.81-82, 1991.
- TORRES, J. C. O. **História de Minas Gerais**. 3. ed. Belo Horizonte: Lemi, 1980.
- UFMGa. Universidade Federal de Minas Gerais. **Parques** Disponível em: www.ufmg.br/estacao-ecologica/index.php?option=com_content&task=view&id=44&Itemid=56 >. Acesso em: 13/junho/13??
- UFMGb. Universidade Federal de Minas Gerais. **MHNJB – Histórico** Disponível em: <<http://www.mhnjb.ufmg.br/historico.html>>. Acesso em: 11/jul. 2013.
- UFOP – Universidade Federal de Ouro Preto. **História**. Disponível em: <http://www.ufop.br/index.php?option=com_content&task=view&id=52&Itemid=175>. Acesso em: set. 10/set/2013.
- UPHOF, Johannes Cornelius Theodoor. **Jardins botânicos: os mais importantes, antigos e modernos**. A Fazenda, 36: 96-97, 1941.
- VEIGA, R. F. A. *et al.* Os jardins botânicos brasileiros. **O Agrônomo**, 55(1), 2003.
- ZICO, J. T. **Caraça sua igreja e outras construções**. FUMARC/UCMG, Belo Horizonte, 1983.